

MESA REDONDA – Imigração, diversidade e educação. Desafios antropológicos da diáspora africana e brasileira em Portugal e no Brasil

Reconfigurações identitárias de imigrantes brasileiros em Portugal¹

Ricardo Vieira
CIID-IPLeia - Portugal
rvieira@esel.ipleiria.pt

RESUMO

Nesta minha intervenção, inserida na mesa coordenada pela Professora Dr.^a Neusa Gusmão, subordinada ao tema Imigração, diversidade e educação: desafios antropológicos da diáspora africana e brasileira em Portugal e no Brasil, pretendo apresentar parte dos dados que estão a originar um filme em DVD de nome “Partir, Chegar, Voltar”. Apresentam-se depoimentos de imigrantes brasileiros em Portugal da primeira vaga (final dos anos 80: mão de obra qualificada) e da segunda vaga (transição do século XX para o XXI: mão de obra desqualificada) para mostrar como se reconstrói a identidade entre duas margens: a cultura de partida e a cultura de chegada. É usada a teoria da transfusão cultural (Vieira, 1999) e observada a heterogeneidade de modos de viver entre culturas, seja rejeitando a de origem (o caso dos oblatos), seja rejeitando a de chegada num dado momento (os monoculturais de acordo com a cultura de partida), seja vivendo de forma ambivalente entre as duas (o caso do eu multicultural), seja inventando a terceira margem, como dizem os poetas, que corresponde a uma atitude de incluir as diferenças culturais por que se passou ao longo da história de vida num self intercultural.

Palavras-chaves: imigração, diversidade, intercultural

¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil

Nesta minha intervenção, inserida na mesa coordenada pela Professora Dr.^a Neusa Gusmão, subordinada ao tema Imigração, diversidade e educação: desafios antropológicos da diáspora africana e brasileira em Portugal e no Brasil, pretendo apresentar parte dos dados que estão a originar um filme em DVD de nome “Partir, Chegar, Voltar”. Apresentam-se depoimentos de imigrantes brasileiros em Portugal da primeira vaga (final dos anos 80: mão de obra qualificada) e da segunda vaga (transição do século XX para o XXI: mão de obra desqualificada) para mostrar como se reconstrói a identidade entre duas margens: a cultura de partida e a cultura de chegada.

É usada a teoria da transfusão cultural (Vieira, 1999) e observada a heterogeneidade de modos de viver entre culturas, seja rejeitando a de origem (o caso dos oblatos), seja rejeitando a de chegada num dado momento (os monoculturais de acordo com a cultura de partida), seja vivendo de forma ambivalente entre as duas (o caso do eu multicultural), seja inventando a terceira margem, como dizem os poetas, que corresponde a uma atitude de incluir as diferenças culturais por que se passou ao longo da história de vida num self intercultural.

1) A IDENTIDADE ENQUANTO PROCESSO

A identidade é um processo de construção e reconstrução. Jaír, Edilson, Sandra e Ronaldo² nasceram no Brasil, têm trajectórias sociais que os torna inacabados. Outros poderão ter trajectórias muito semelhantes; mas as pessoas podem jogar, podem transformar-se, em termos de querer para si próprios, de assumir em termos de identificação, podem vir a ser em determinada altura produtos identitários diferenciados. Esta é uma ideia base deste texto, que está na génese do documentário que apresentamos hoje³.

Cada um de nós nasce num lugar, mas não podemos mais pensar, no século XXI, a identidade como sendo essa pertença, essa identificação apenas com o lugar de nascimento, com a língua primeira, com as primeiras palavras, com a primeira religião, com o primeiro amor, com esse primeiro, primeiro, primeiro... que se pode classificar de primordialismo. Toda a gente já sabe disto e toda a gente já fala sobre isto, mas às vezes não se fala ainda com convicção; daí que seja importante, antes do filme, antes da análise, esta introdução.

Muitas vezes, quando alguém como Ronaldo, assumidamente multi e intercultural que transporta dentro de si, não uma dimensão monocultural, mas uma dimensão plurifacetada: pode falar duas, três, quatro línguas, pode conhecer a bíblia, o alcorão, etc., - e conhecer o alcorão não torna necessariamente a pessoa num muçulmano; conhecer a bíblia não torna

² Os nomes foram substituídos.

³ “Partir, Chegar, Voltar: Imigrantes Brasileiros em Portugal”, documentário realizado por Ricardo Vieira e José Maria Trindade, no âmbito do Projecto “Identidades e Diversidades”, Instituto Politécnico de Leiria.

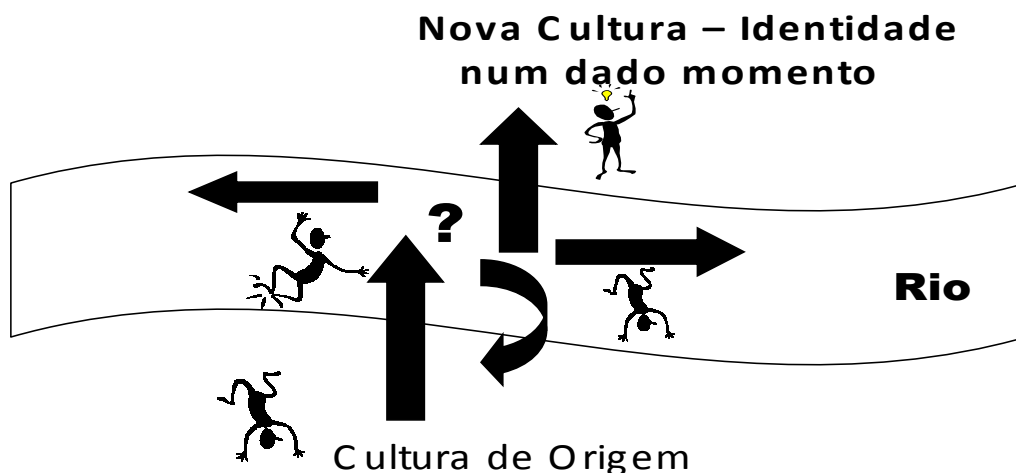
necessariamente a pessoa num cristão - a dimensão da identificação é outra dimensão muito mais consciente e muito mais profunda. Ainda que algumas pessoas saibam já isto, a verdade é que, muitas vezes assistimos na televisão (que é um órgão de propaganda e de formação de atitudes e de opiniões potentíssimo), acabamos por ouvir entrevistadores, jornalistas a perguntar: “Oiça Ronaldo, está cá há 17, 18 anos, isso é tudo muito importante, mas lá no fundo, lá no fundo, quem é o Ronaldo?” Esta pergunta enferma de um desconhecimento, porque já está a orientar a pessoa para se colocar lá no fundo, no fundo, na origem, como se a pessoa não fosse nascimento, prosseguimento, processo e desenvolvimento.

E porquê brasileiros? Nós estamos a fazer isto com vários imigrantes. Brasileiros, primeiro porque são imigrantes, segundo porque os imigrantes nos permitem pensar este conceito da identidade como processo. Porque é mais notório ver os mundos culturais que um migrante, seja emigrante ou imigrante, atravessa. É mais notório, é mais objectivo falar deles do que falar de cada um de nós que nesta vida, cada vez mais globalizada, é também um migrante. A passagem da casa para a escola é um processo de migração cognitivo e emotivo, também. Mas é mais fácil pensar nesta metamorfose, nesta transformação do eu pensando no imigrante: “Quem eu era”, “Quem eu sou”, “Quem eu quero ser”. O modelo de análise que propomos torna-se aí mais visível.

Nós não somos apenas de um lugar. Nós estamos a falar hoje aqui de trajectórias sociais, de identidades pessoais, num ciclo de conferências que têm como título “Património e Identidade”. É preciso pensar que esta paisagem portuguesa, esta paisagem física e esta paisagem humana se alteraram. Os outros estão mais visíveis entre nós. Os brasileiros estão mais visíveis entre nós. Eles fazem parte deste património, e neste sentido, é o próprio Portugal que se torna ainda mais multicultural do que era; e de alguma forma, estamos a falar de património também.

O que vos queríamos mostrar é que não só o Ronaldo, como todos os imigrantes, como todos nós, somos processos migratórios. Como dizíamos, há pouco, cognitiva e emotivamente. A metáfora é aquela do rio: nascemos numa margem.

O Processo de Mestiçagem Cultural



Essa margem inicial não é necessariamente a margem final do contexto social que vamos habitar no futuro enquanto adultos. A pessoa ao aprender, transforma-se: a pessoa aprende a andar, aprende a falar. Isto é apenas um modelo bipolar muito simples, muito dicotómico. Nós começámos por aplicar este modelo de análise no filme que realizámos com os imigrantes em carne viva, e que permitem pensar que embora os imigrantes não tenham que ser classificados como sendo apenas um tipo de modelo, - e vemos que de facto cada um de nós tem momentos de identificação, às vezes, com mais ênfase na primeira margem, a cultura de origem, a primordial; outras vezes, mais na cultura de chegada.

Nós identificamos aqui um tipo etnocêntrico, de acordo com a cultura de partida. Aquele que parte, pensa o mundo, mas vê o mundo sempre centrado nos valores desse primordialismo identitário: a primeira margem. Podemos falar do emigrante que parte do Brasil para Portugal ou de um contexto para outro e não quer identificar-se com a cultura de partida, porque estrategicamente não é conveniente, como aconteceu com os portugueses quando foram para os Estados Unidos e precisaram até de metamorfosear os nomes. São estratégias sociais. A pessoa acaba por ver o mundo centrado na cultura de chegada - a segunda margem - e a esses nós damos o nome de *oblato*, aquele que renega a cultura de origem.

Depois temos outros tipos: o bilingue ou bicultural, ou multicultural, que habita duas ou mais margens e que consegue ser aqui (e ser significa dominar a língua do ponto de vista linguístico e do ponto de vista antropológico); e temos outras variantes que são esses terceiros - e todos nós somos terceiros, só que às vezes não queremos é ter consciência disso, assumindo-nos como puros, como se alguém fosse puro do ponto de vista cultural, como se

todos nós não fossemos mestiços. Não são só os brasileiros, não são só os imigrantes. Não há hoje culturas puras. Somos já mestiços e cria-se uma nova mestiçagem nessa interacção. Essa terceira dimensão de que temos vindo a falar e que às vezes leva a que o indivíduo seja mais híbrido e tenha até crises de identidade. Porque há pessoas que têm identidades transfronteiriças. Imaginam, por exemplo, um alentejano e um amigo do lado de lá, em Espanha? Devem estar pouco preocupados nas conversas, e na ida ao café e ao cinema, em estar a distinguir se um é português, e o outro é espanhol. O problema da identificação aí é outro!

Estamos aqui a ilustrar, por um lado, a ideia de identidade objectiva, a do bilhete de identidade, da naturalidade, nascimento; e outra, muito mais interior, muito mais subjectiva, que é esse processo de identificação. Por último, nós temos usado também o conceito de trânsfuga intercultural, para o sujeito que consegue fazer a síntese entre os vários mundos que habita. Mas a grande questão é rompermos com essa ideia monolítica da identidade de que a pessoa é só uma coisa: se é português tem que ser católico, e não pode ser português e muçulmano⁴. As variantes são mesmo todas possíveis! Portanto, perante brasileiros que vamos ver aqui, quem são estes? Metade brasileiro, metade português? Haverá pessoas que darão esta resposta! Mas a identidade compartimenta-se? Alguns outros falam de diferentes “eus”: eu não sou um, sou vários; há diferentes “eus” conforme o contexto. Há outros que dizem, como por exemplo, Amin Maalouf (2002: 10): “Não tenho várias identidades, tenho apenas uma, feita de todos os elementos que a moldaram segundo uma dosagem particular que nunca é a mesma de pessoa para pessoa...”. Quer dizer, a trajectória social, que pode ser muito semelhante e a identidade pessoal com essa dosagem que é essa vontade de identificação com A e não com B, com A-, não com A+, é diferente de pessoa para pessoa. O que faz com que diferentes trajectórias sociais, diferentes condições objectivas vividas possam criar identificações interiores muito diferenciadas, por vezes...

2. IMIGRANTES E METAMORFOSES IDENTITÁRIAS

Os imigrantes que vivem entre culturas podem escolher entre uma atitude pragmática de integração na sociedade de destino ou, ao contrário, privilegiar uma dimensão ontológica, vivendo de acordo com a cultura de origem. Neste caso, o apelo das raízes influencia o comportamento podendo levar à recusa da cultura de chegada. Há ainda um tipo de estratégia identitária que é a de viver perfeitamente entre os dois mundos.

1) Um entre muitos exemplos possíveis para ilustrar a complexidade de cada sujeito.

Para muitos imigrantes, o sucesso na nova sociedade implica quebrar com as fronteiras estreitas do lugar de partida e a integração numa nova cultura que, em grande parte dos casos, traz consigo uma metamorfose ou mesmo uma transfusão cultural nas suas vidas. Sucesso nesta nova sociedade significa um acesso à maneira de pensar da nova cultura e pode levar a um abandono da cultura de origem a favor de uma segunda cultura.

Acedendo à cultura baseado na escrita e na lei do mercado, muitas vezes diferente da cultura de nascimento, significa deixar para trás a primeira identidade e criar uma outra: alguém que já não é o que foi, mas sim alguém que vive inteiramente de acordo com a cultura de chegada. Por isso, o tornar-se um membro da nova sociedade pode levar a pelo menos dois tipos de transformação. Pode ignorar-se e esquecer-se o passado cultural; ou, por outro lado, pode utilizar a riqueza da sua cultura de origem como um leque de experiências, como muitas no quotidiano, levando a um eu intercultural.

Para alguns, viver numa nova sociedade não é fácil porque viver numa sociedade moderna implica um corte com a antiga forma de pensar e viver. A modernização da sociedade é baseada, como disse Weber, na racionalização da vida social. Para muitos imigrantes vindos de sociedades pré-modernas ou pré-burocráticas, viver entre estes dois mundos, pode levar a uma divisão deles próprios, causando aquilo que Bastide (1955) chamou de *principio de corte*.

Com isto, Bastide, descrevendo a situação dos afro-americanos no Brasil, refere-se à capacidade dos indivíduos de viver em cada mundo como uma pessoa diferente, fazendo uso de diferentes racionalidades. Isto é o caso da pessoa que trabalha num banco, e algumas horas mais tarde pode estar a tomar parte no *candomblé*.

O primeiro modelo aplica-se àqueles que têm medo de falar de si e denunciar o seu passado. Nunca falam das suas origens, do lugar onde nasceram, onde cresceram e viveram antes de emigrarem. Procuram transmitir a ideia de que são produto da cultura de chegada. Na sua comunicação, nunca usam elementos dos contextos da infância nem da cultura de partida, nem mesmo quando se encontram com pessoas da mesma origem. É o *oblato*.

O oblato educa os seus filhos para a nova sociedade e nega-lhes o passado. É comum para muitos filhos de imigrantes ao chegarem à adolescência lamentarem-se da ausência de passado que os leva em busca das suas raízes nos países de origem dos seus antepassados.

O segundo modelo é o *trânsfuga intercultural*. Neste modelo há uma aceitação da nova cultura sem rejeitar a antiga. O *trânsfuga intercultural* integra a cultura do país de chegada no seu universo pessoal, o que dá uma nova dimensão à cultura de origem sem a destruir ou substituir, dando-lhe uma terceira dimensão resultante da integração comparativa do eu e do

outro, do nós e do eles. Os imigrantes de tipo trânsfuga intercultural aceitam que são híbridos e não têm qualquer problema em viajar aos contextos do passado.

3. VOZES DE IMIGRANTES

3.1. Jáir Lopes

Jaír, de 29 anos, nasceu no Brasil no estado de Minas Gerais na cidade de Padre Paraíso, no centro do país, próximo da fronteira com o Estado da Baía. A mãe é uma professora reformada e o pai foi mineiro.

Jaír nunca trabalhou nas minas. O pai trabalhou muitos anos nessa vida dura.

A minha família vive numa boa casa, com toda a mobília graças às pedras que o meu pai descobriu nas minas.

Na busca de um futuro diferente

Eu sempre tive aquilo que sempre quis. Os meus pais deram-me tudo até aos meus 23 anos de idade. Então eu pensei que estava na altura [...] eu não completei o liceu, eu não tenho grande inclinação para ler... Eu estudei até ao 11º ano e depois deixei a escola. Eu trabalhei na rádio durante 10 anos. Dois dos meus colegas, também membros da Igreja Baptista como eu, vieram para Portugal e eu pensei: “Se eu ficar aqui, posso ter uma boa vida mas nunca terei um futuro. Eu preciso de ser independente. Por mais quanto tempo poderia eu depender dos meus pais?” Aquele pareceu-me um bom momento para partir [...].

Portugal

[...] na altura, no final de 1999, várias pessoas estavam a partir para Portugal e para os Estados Unidos. Mas era muito difícil para os Estados Unidos. Era preciso provar que tínhamos um rendimento milionário, ou que éramos donos de vários terrenos para conseguir crédito. E foi o destino também.

[...] na altura Portugal foi a primeira escolha. Havia várias pessoas em Lisboa que me poderiam receber. Eu estava esperançado em fazer qualquer coisa. O meu itinerário para Portugal foi o seguinte: apanhei um avião para Madrid, onde passaria a noite num hotel. Isto era o que estava planeado com a agência de viagem, Ibéria, quando comprei o bilhete. E no dia seguinte eu voaria para Lisboa. Mas quando cheguei a Madrid, naquele mesmo dia, eu peguei na minha bagagem e fui directo para a estação de São Martinho e apanhei o comboio para Portugal.

[...] Eu trabalhei ilegalmente em Lisboa. Dois anos mais tarde eu comecei a trabalhar numa fábrica de mobiliário. Foi nessa altura que o governo português abriu a possibilidade aos imigrantes de terem um visto de residência para aqueles imigrantes que tinham um contracto de trabalho. E eu consegui o meu primeiro visto. Estou agora no terceiro. Estou legal desde há três anos. [...] Eu trabalhei ilegal durante muito tempo...Em restaurantes os patrões não empregam imigrantes ilegais. Eles têm medo. Até há pouco tempo estava a viver sozinho, mas agora estou a viver com um colega que chegou há um ano; e há dois outros colegas que chegaram há uma

semana, e há um rapaz que trabalha aqui num restaurante. Eu penso que ele é africano.

[...] Quando eu cheguei não senti uma grande diferença porque eu vi muitas coisas similares, e outras coisas diferentes. Mas em relação à linguagem e cultura não há grandes diferenças, desde que eu me familiarizei rapidamente com eles.

Em relação à imagem que Jaír tem dos portugueses, ele diz:

há boas e más pessoas; há pessoas tristes e pessoas alegres, por isso nunca parei para pensar sobre a imagem que eu tenho dos portugueses.

[...] Eu nunca senti nenhuma discriminação por ser estrangeiro, nunca. Na Nazaré as pessoas as mostram que sou igual a elas e eu dou-me bem com todas as pessoas da Nazaré. Eu tenho muitos amigos [...] criei muitas amizades porque eu também fiz por isso. Uma vez eu vi um patrão a falar duro com um jovem trabalhador português e eu pensei: “Como é que eu irei reagir se ele alguma vez falar assim para mim?” Eu estava em Portugal há quatro meses apenas, e não sabia o que tinha acontecido, mas não existe razão para qualquer pessoa tratar um ser humano daquela maneira.

A metamorfose

Os hábitos culturais de Jaír mudaram; por exemplo, ele alterou a sua dieta da comida típica dos brasileiros, como o arroz e o feijão, para a comida tradicional portuguesa:

Eu gosto muito de comer arroz com feijão, mas quando sou eu a cozinhar eu acrescento carne e preparo-o de forma que fique idêntico à sopa da pedra.

Quando eu cheguei, fui viver para a casa de uns amigos; e estes amigos estavam a trabalhar para uma família portuguesa que costumava sentar-se com eles à mesa e conversar com eles. Esse casal teve um filho, e quando ele estava a contar piadas eu ria mas na realidade eu não conseguia perceber uma palavra do que ele estava a dizer. Quando eles estavam a falar entre eles, eu olhei e pensei que eles poderiam estar a falar mal dos seus empregados. Tudo me passou pela cabeça.

[...] Hoje em dia o meu sotaque é misturado. Muito mesmo. [...] Hoje em dia, eu falo um misto de brasileiro e português. Por exemplo, eu já não digo “Brasiu”. Já digo Brasil. Hoje em dia, quando falo com a minha mãe e lhe digo que vou à escola de condução, e uso o termo português, ela não percebe, por isso tenho que utilizar o brasileiro “auto escola”.

O eu intercultural

Para Jaír, o futebol é uma ferramenta com a qual ele construiu uma ponte entre a sua cultura de origem e a cultura portuguesa. Assim, em Portugal ele tornou-se um fã do Benfica apesar de ele continuar a ser um fã do Atlético Mineiro.

[...] Quando eu cheguei a Lisboa eu vi tantas pessoas com a camisola do Benfica e apenas um com a do Sporting, eu pensei: Eu vou ser um fã do Benfica, é a equipa mais popular. Então ouvi a história do clube, que já não ganhava o campeonato há muito tempo, mas isso não fazia diferença porque o meu clube no Brasil apenas ganhou o campeonato uma vez; mas é muito difícil porque no Brasil há 15 equipas que lutam pelo campeonato.

Jaír encontra-se regularmente com outros brasileiros; eles frequentemente almoçam juntos, até mesmo sem avisar; ele vê os canais brasileiros na TV Cabo e muitas séries brasileiras que são transmitidos pelos canais portugueses. Ele fala com pessoas no Brasil duas a três vezes por semana para saber como as coisas estão a correr.

O seu projecto actual

[...] Eu já comprei uma casa e um pedaço de terra no Brasil com o dinheiro que ganhei aqui [...] Eu comprei-o muito barato. Se eu quisesse podia comprar duas propriedades por ano e não preciso de poupar tanto. Antes de ter 35 anos eu quero aproveitar a vida. Eu conheço muitos imigrantes brasileiros que vieram para Portugal e tudo o que comem é arroz e ovos no sentido de poupar o mais possível; mas eu não faço isso. Eu como carne todos os dias.

3.2. Edilson e Sandra

Edilson e Sandra estão casados há quatro anos. Têm um bebé recém-nascido. Vieram de uma cidade do interior a 400 km de São Paulo, São José de Rio Preto. Edilson trabalha numa estação de serviço na Nazaré. A Sandra deixou de trabalhar quando casou. Até há poucos meses, trabalharam os dois num café, mas quando engravidou deixou de trabalhar. Actualmente estão a tratar do processo de legalização. Juntamente com o casal, vive um irmão da Sandra e outro imigrante brasileiro.

Nós temos um visto para três meses mas está a acabar; agora precisamos de uma licença de trabalho. (Edilson)

Sandra tem um irmão a viver em Lisboa que a ajuda financeiramente.

Em busca de um futuro melhor

Quatro anos passaram desde que nos casamos. Sandra não estava empregada e não tínhamos condições de pagar todas as contas. Tínhamos acabado de comprar uma casa e de pagá-la metade. Decidimos tentar a nossa sorte, com os dois a trabalhar talvez conseguíssemos melhorar a nossa situação. O irmão dela já estava em Portugal. Vendemos tudo. Apenas mantivemos a casa. (Edilson)

Um começo difícil

Para Edilson a adaptação inicial foi difícil:

Nós levamos um ano até nos adaptarmos...Nos primeiros dois dias, eu queria voltar para o Brasil. [...] O contacto com as pessoas, vê-las, a forma de falar, o clima, há mais alegria no Brasil. Aqui é muito calmo [...] Então eu estive em casa doente e quis ir embora. É diferente. Não estou a dizer que é mau [...] Nós não conhecemos muito de Portugal, apenas conhecemos Leiria e Lisboa. Nós não viajamos porque não temos carro e sem carro nada feito. E para além do mais, eu não tenho carta de condução.

A vida de imigrante

Quando Sandra estava a trabalhar pudemos poupar algum dinheiro. Em Portugal a vida dos imigrantes é assim: num casal, um paga as contas e o outro poupa o dinheiro e eu não estou a mentir. Pode perguntar a quem quiser.

A nossa vida aqui é do trabalho para casa e de casa para o trabalho, e quando tivemos fora foi por causa do bebé. Nós não podemos ir beber um copo à noite. O dinheiro que gastaríamos nessas bebidas seria necessário para outras coisas. Por isso vemos televisão à noite.

As duas margens do rio

Nós temos o canal 25 que nos traz as novidades do Brasil; podemos ver também muitas séries brasileiras. Tudo o que os brasileiros querem é televisão, futebol e Carnaval, nada mais [...] (Sandra).

O churrasco tradicional que reúne os brasileiros ao fim-de-semana não é um hábito regular deste casal por motivos económicos, dizem eles. Em ocasiões especiais como a passagem de ano e os aniversários, eles normalmente visitam outros imigrantes brasileiros para matar as saudades de casa:

Eles vêm aqui e nós vamos para casa deles...apenas dois ou três casais. (Sandra)

Nós telefonamos para casa todos os fim-de-semana e isso ajuda a suportar as saudades de casa. Nós precisamos de saber como estão os nossos irmãos, como está a mãe, ela adora falar sobre a bebé. Quando o Leandro nasceu, a mãe de Sandra veio para ficar connosco durante três meses para ajudar a sua filha. (Edilson)

O projecto é regressar

[...] Se tivéssemos melhores condições aqui, eu com um emprego, o Leandro num jardim-de-infância, mesmo assim teríamos que visitar o Brasil porque já passou muito tempo.

A espera é a coisa mais complicada. Toda a nossa família lá e nós aqui...isso faz-nos querer deixar tudo. (Edilson)

A rejeição da metamorfose

Este casal não parece estar muito interessado em triunfar na sociedade Portuguesa. Não demonstram grande interesse em se integrarem na sociedade local e participar nas festas e viver de acordo com o quotidiano português.

Não se sentem muito mudados, porque o seu projecto é voltar para o Brasil, logo que a vida o permita.

Mudados? Não! Apenas um pouco diferentes na forma de aproveitar o tempo livre. Tivemos que mudar porque estávamos acostumados a sair muitas vezes. Eu tinha o meu emprego, o meu carro, a minha moto, eu tinha tudo. Eu costumava ir para o trabalho à tarde e depois íamos para casa do meu irmão. Aqui não podemos fazer nada disso. Por isso sentimos uma grande diferença. (Edilson)

Ainda em relação à comida, este casal recusa a cultura portuguesa. Eles conhecem os pratos portugueses mas não gostam deles:

Eu tento arranjar comida brasileira o máximo possível” (Sandra).

Edilson gosta de beber a cerveja portuguesa mas acrescenta imediatamente: *Também gosto da cerveja brasileira [...].*

Enquanto Jaír usou o futebol como uma plataforma para o processo de identificação com Portugal, Edilson utiliza o desporto para enfatizar a sua identidade brasileira:

É assim, no Brasil a competitividade é maior, há mais equipas; aqui não há tantas equipas mas também é bom porque há muitos jogadores que são estrangeiros. Existem três boas equipas, Sporting, Porto e Benfica mas eu não sou fã de nenhuma dessas equipas [...] Se há um jogo entre Portugal e Brasil, “eu apoiarei o Brasil porque é o melhor. (Edilson)

A imagem de Portugal

A imagem de Portugal que este casal tinha antes de deixar o Brasil era a imagem que lhes fora transmitida pelos seus avós portugueses, que nasceram na ilha da Madeira. Para aqueles que ficaram no Brasil:

Portugal é um país muito rico. Eles pensam que nós somos ricos, cheios de dinheiro, que estamos a ter uma grande vida porque eles não sabem os sacrifícios que temos que fazer e o quanto isso é duro para nós [...]. (Sandra)

Quando questionados sobre a sua relação com os portugueses e a existência de discriminação, a sua resposta é ambivalente:

Nunca tivemos problemas. (Sandra) Nós sempre nos apresentamos como brasileiros mas fomos muito discriminados no início. Muitas pessoas eram desagradáveis connosco quando estávamos no trabalho, falavam connosco com desprezo: “Faz isto, faz aquilo, estas aqui para trabalhar! (Edilson)

Eram sobretudo aqueles bêbados que ficavam no café após este fechar que mais nos irritava [...] Até considerámos o regresso ao Brasil porque isso não era aceitável. Não fizemos mal a ninguém. No dia seguinte o patrão veio falar connosco e disse para termos calma. (Edilson)

[...] Às vezes as pessoas ficavam nervosas, não por causa do serviço mas sim por algum mau funcionamento das máquinas que os fazia ficar à espera um pouco, e então eles diziam: “Tinha que ser um brasileiro”. Eu normalmente respondia que tinha muito orgulho em ser brasileiro e perguntava-lhes se tinham algum problema com isso. Eu sou sempre educado com toda a gente no meu trabalho. Não faço mal a ninguém, eu pago os meus impostos. (Edilson)

O projecto

[...] O nosso plano era trabalhar até ao final do ano para levar algum dinheiro para casa e depois regressar ao Brasil. (Edilson) Viemos para aqui com a intenção de ficar no máximo um ou dois anos. (Sandra)

Mas o nascimento de Leandro veio alterar o projecto.

Agora não é possível; talvez no próximo ano porque se ela não encontrar um emprego, e eu sou o único a trabalhar não vale a pena estar longe dos amigos e não conseguirmos poupar dinheiro. (Edilson)

A ideia é voltar ao paraíso perdido da cultura de origem, apesar das dificuldades da vida no Brasil:

A dificuldade é esta, era difícil para nós quando éramos só dois, agora com o bebé para alimentar, é mais complicado. (Edilson)

Contudo, o projecto é uma construção permanente, dando origem a novas dúvidas:

Eu fiz um plano para Janeiro do último ano que foi alterado pelo facto de ela ter ficado grávida; agora estamos a planear ir embora, talvez no próximo ano, mas este plano também pode ser alterado. (Edilson)

Enquanto Sandra está certa de que a felicidade reside no regresso ao Brasil, Edilson está dividido, dizendo uma coisa e quase de imediato dizendo o oposto, não interessando o tema da discussão: comida, bebida, tempos livres, Carnaval, ou as suas ideias sobre os portugueses e a sociedade portuguesa:

Eu não tinha ideia nenhuma dos portugueses; não conhecia a cultura mas agora que a conhecemos, nós até gostamos. O primeiro ano foi terrível, mas agora tenho uma boa impressão, gosto tanto que até estou inclinado a ficar mais tempo [...]. (Edilson)

3.3. Ronaldo

Ronaldo é médico. Está em Portugal há dezassete anos. Tem uma família luso-brasileira (a mulher é portuguesa, de Coimbra), e tem duas filhas do primeiro casamento.

Embora nascidas em Portugal, não lhes foi concedida na altura a nacionalidade portuguesa, devido à legislação que vigorava então.

O eu intercultural

Ronaldo reclama para si o direito de ser tudo: da primeira, da segunda e de todas as margens. Assume-se como um projecto em aberto:

Eu sinto-me um cidadão da Terra. Eu não sou aquilo que nasci, eu sou o que construí, eu sou o que sou hoje. Se vai ser assim amanhã, não sei, provavelmente não. Provavelmente amanhã vou juntar mais coisas, mais aprendizagens, mais experiências e se calhar vou estar diferente, vou estar com outras visões, até me posso tornar um fundamentalista ou ainda um indivíduo mais aberto do que sou hoje. Não vejo as coisas com essa fixação no tempo. A minha experiência de vida foi fundamental para essa minha capacidade camaleónica de me adaptar.

A sua adesão à cultura de origem faz-se por um apego às tradições alimentares do Brasil, e a firme recusa de pratos tradicionais portugueses. Esta identificação primordial é também fortemente reivindicada através de um investimento afectivo na escola de samba a Portela, ou no clube de futebol brasileiro, o Flamengo; investimento que não faz em qualquer clube português.

Não me peçam para torcer por outra escola que não seja a Portela, não vale a pena, é a escola de samba do meu coração cujas cores são azul e prata. Eu assisto ao desfile da Portela religiosamente os outros vejo [risos], é um pouco ritual, também há o ritual quando sento para ver o Flamengo a jogar não é a mesma coisa que sentar para ver o Porto jogar ou o Benfica. Quando o Flamengo joga saiam de perto de mim porque aí o fundamentalismo quase chega às raias da loucura [risos] tenho os meus pontos fracos, sou humano.

O Flamengo é que é o meu coração, o que é que eu vou fazer eu não consigo torcer por outra equipa. Quando estão ali duas equipas a defrontarem-se escolhe-se uma para ter mais simpatia mas não me consigo fixar por outra equipa, não dá para sofrer, é o Flamengo.

Se o futebol funciona como âncora importante à cultura de origem, essa dimensão ontológica, o apelo das raízes, é reforçada pelas preferências alimentares, inequivocamente brasileiras. A alimentação, importante veículo do simbólico, é um reduto para Ronaldo afirmar a sua identidade original, e rejeitar a assimilação total na cultura portuguesa, pela veemente recusa dos pratos mais emblemáticos da cozinha portuguesa.

Eu não me adaptei facilmente do ponto de vista alimentar. Na altura em que cheguei a Portugal, os cozidos, os grelhados não faziam parte da minha alimentação, eu até hoje continuo a alimentar-me brasileiroamente: abomino couves; então caldo verde é uma questão fora de qualquer conversa; o cozido à portuguesa é um prato que não me serve para rigorosamente nada; entretanto o bacalhau do jeito que for, “marcha” que é uma “gracinha”; tenho um “asco” de sardinha assada - para mim aquilo é a visão do inferno, é o quadro de Dante bem pintado; mas em contra partida sou apaixonado

por um robalinho grelhado, há uma identificação com as coisas e não com a nacionalidade delas. E posso me gabar de ter ensinado a minha esposa a fazer muita coisa que ela faz hoje, de comida brasileira e não só.

“Um português de brincadeira” na margem de cá

Através da família portuguesa, das filhas, e da nação, simbolizada pelo hino português que entoia de forma emocionada, este imigrante brasileiro reclama a sua portugalidade.

Você coloca pão para assar no forno, o que é que sai de lá? Pão ou borboleta? Sai pão. Portanto, as minhas filhas são portuguesas, elas nasceram aqui, filhas de pais brasileiros mas são portuguesas, sempre senti isto. A questão é saber qual o enfoque que se vai dar a esta questão, oficialmente não são, tecnicamente se calhar também não.

Eu, inicialmente, mantive-me completamente brasileiro, imigrante sem laços. O estatuto de igualdades, direitos e deveres transforma-me num indivíduo brasileiro com os mesmos direitos e deveres de um cidadão português, é como se eu fosse português de brincadeira.

O Hino Português me faz muita diferença, eu tenho uma relação com o Hino Português muito curiosa porque quando eu chego a Portugal e vejo a eloquência, a rapidez com que o hino chega aos portugueses, eu fiquei completamente encantado com isso, então ficou uma simpatia muito grande pelo hino. Hoje quando se canta o hino nos jogos da selecção, por exemplo, há bem pouco tempo estava a começar um jogo de Portugal e começámos a cantar o hino “Heróis do mar nobre povo ...” e as minhas filhas ficaram a olhar para mim e perguntaram-me se eu sabia o hino todo. Claro que eu sei como é que eu vivo há 17 anos aqui e não ia saber o hino, esse hino para mim já faz muita diferença. A “portugalidade” já me é muito cara. Não vou deixar de ser brasileiro nunca.

A metamorfose

É ainda o olhar dos outros que permite objectivar a transformação operada, e tomar consciência dessa disjunção da identidade.

Eu não sou o Ronaldo sempre, muitas vezes não tão directamente, mas mais pelas costas, eu sou “O Brasileiro”, ah é aquele médico brasileiro. Isso dá-te uma dimensão da importância da conduta que cada indivíduo como uma individualidade tem fora do seu país, você é representante do seu país. Não, sou brasileiro, mas também posso dizer que sou português.

A fuga pela terceira margem do rio

Com um pé em cada margem, onde criou raízes, Ronaldo é como uma orquídea, viajando pelo espaço em busca da terceira margem, o lugar que não existe em parte nenhuma, ou que poderia ser qualquer lugar da Terra.

Claro que eu tenho raízes, não há como negar isso, agora não quer dizer que eu não possa estar bem onde estou. As raízes das orquídeas estão metidas na árvore que as sustenta, mas elas às vezes vão até o solo, as raízes das orquídeas são muito grandes, a planta é que é pequenina. A sensação que eu tenho é que o Brasil é pequeno demais, Portugal é pequeno demais. Se por qualquer razão eu tivesse que ir viver para a

Rússia ou para a Bulgária eu iria, não sei se teria mais ou menos dificuldade, mas eu não encararia com nenhum receio o facto de ir viver para a Bulgária. O emigrante é um sem terra, não tem lugar no mundo, haviam de criar imediatamente a “Emigrónia” (risos) porque é um problema seríssimo. Eu aqui em Portugal sou brasileiro e quando vou ao Brasil sou português. A “Emigrónia” não existe, eu não tenho canto. Hoje quando vou ao Brasil toda a gente me chama “O Português”. Há duas cidades no mundo que eu trocava Caldas da Rainha por qualquer uma delas: Barcelona e Rio de Janeiro, mas este não existe mais, é uma cidade extremamente violenta, abusivamente desumana para aquilo que eu gosto. E sou completamente siderado por Barcelona, rendido, são as duas cidades que me encantam definitivamente a nível de modo de vida e isso dá mais ou menos uma ideia da minha maneira de ser, sou pouco ligado a formalidades.

4. EM JEITO DE CONCLUSÃO

O estudo das metamorfoses na identidade dos imigrantes mostra que pode haver diferentes estratégias. Vivendo entre duas culturas, o indivíduo numa situação de aculturação é confrontado com a escolha de uma ou de outra. Como resultado disso, o imigrante pode tornar-se etnocêntrico, como a Sandra, que recusa a nova cultura e idealiza a cultura de origem; ou um oblato, que idealiza a cultura de chegada e esconde a cultura de origem; ou o trânsito intercultural, como o Jaír e o Ronaldo, que sintetizam ambas as culturas, e tornam-se terceiras pessoas; ou, ainda como o Edilson, alguém que não consegue fazer essa síntese e é incapaz de escolher. Vive dividido entre dois mundos (Vieira, 2004).

Bibliografia de Apoio

- BARTH, F. (1995) “Les Groupes Ethniques et leurs Frontières” in POUTIGNAT, Ph. E STREIFF-FENART, J. *Théories de L’Ethnicité*, Paris: PUF.
- BASTIDE, R. (1955) “Le Principe de Coupure et le Comportement Afro-Brésilien”, *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, S. Paulo, 1954, S. Paulo: Anhembi, Vol I, pp. 493-503.
- BASTIDE, Roger (1970) *Le Prochain et le Lointain*, Paris: Cujas.
- BASTIDE, R. (1979). “Psychologie et Ethnologie”, in Poirier, J. (Ed.). *Éthnologie Générale*, Encyclopédie de la Pléiade, Paris: Gallimard.
- BASTOS, José; BASTOS, Susana (1999) *Portugal Multicultural*, Lisboa: Fim de Século.
- BENNEGADI, Rachid (1986) «Un migrant peut en cacher un autre» in A.N.P.A.S.E. (1986). *Enfances et Cultures – problématiques de la différence et pratiques de l’interculturel*, Toulouse: Ed. Privat.
- BERTHELIER, Robert (1986) «L’échec scolaire des enfants de migrants: un problème de langue ?» in A.N.P.A.S.E. (1986). *Enfances et Cultures – problématiques de la différence et pratiques de l’interculturel*, Toulouse: Ed. Privat.

- CAMILLERI, C. (1989). “La culture et l’identité culturelle: champ national et devenir” in CAMILLERI, C. E COHEN-EMERIQUE, M. *Chocs des Cultures; Concepts et Enjeux Pratiques*, Paris: L’Harmattan.
- DENZIN, Norman K. (1989) *Interpretive Biography*, London: Sage Publications.
- DEVEREUX, Georges (1972) «L’identité ethnique : ses bases logiques et ses dysfonctions», in ID., *Ethnopsychanalyse complémentariste*, Paris: Flammarion, pp. 131 – 168.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John (1994) *The Established and the Outsiders*, London: Sage Publications.
- FERRAROTTI, F. (1990) *Histoire et Histoires de Vie*, Paris: Meridiens Klincksieck.
- FREYRE, Gilberto (s/d) *Casa Grande e Senzala*, Lisboa: Livros do Brasil. [first published in 1943]
- GRINBERG, León; GRINBERG, Rebeca (2004) *Migração e Exílio, estudo psicanalítico*, Lisboa: Climepsi Editores.
- LADMIRAL, Jean-René, et LIPIANSKY, Edmond Marc (1989) *La Communication Interculturelle*, Paris: Armand Colin.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1980) *Raça e História* Lisboa: Ed. Presença. [original de 1952].
- MACHADO, Fernando Luís (2002) *Contrastes e Continuidades – migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal*, Oeiras: Celta.
- PIRES, Rui Pena (2003) *Migrações e Integração*, Oeiras: Celta.
- PORTES, Alejandro (1999) *Migrações Internacionais*, Oeiras: Celta.
- SAINT-MAURICE, Ana de (1997) *Identities Reconstruídas: Caboverdianos em Portugal*, Oeiras: Celta.
- SERRES, Michel (1993) *O Terceiro Instruído*, Lisboa: Instituto Piaget.
- TAP, Pierre (dir.) (1986) *Identités Collectives et Changements Sociaux*, Toulouse: Ed. Privat.
- TORGAL, Luís Reis (2003) «Do Império à Independência», *Estudos do Século XX – colonialismo, anticolonialismo e identidades nacionais* nº 3, Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra/Quarteto pp. 7-15.
- VIEIRA, R. (1999a) *Histórias de Vida e Identidades. Professores e Interculturalidade*, Porto: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R. (1999b) *Ser Igual, Ser Diferente: Encruzilhadas da Identidade*, Porto: Profedições.
- VIEIRA, R. (ed.) (2004) *E Agora Professor? A transformação na voz dos professores*, Porto: Profedições
- WEBER, Max (1947) *The Theory of Social and Economic Organization*, New York: The Free Press.